

O SAMBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX: IDENTIDADE, RESISTÊNCIA E HEGEMONIA NAS RUAS DE SALVADOR

Francisco Eduardo Torres Cancela*

RESUMO: *Este artigo é o produto inicial de uma pesquisa que tem como objetivo analisar os conflitos culturais na sociedade baiana, no início do século XX, tendo como objeto de estudo o samba, estilo musical que desde sua origem é foco de identidade social, de resistência político-cultural e disputa de hegemonia. As fontes utilizadas na constituição deste trabalho foram os jornais baianos de maior circulação nas três primeiras décadas do século passado. A escolha destas fontes foi inspirada no fato de os jornais servirem como veículo de imposição de um padrão cultural das classes dominantes. E, ao analisá-los, tornou-se possível perceber como as classes dominantes viam e reagiam ante as manifestações do povo negro e pobre. A problematização central deste estudo encontra-se na tentativa de identificar os fatores que levaram o samba passar por um momento de perseguição e criminalização e outro momento de exaltação e aceitação. Questiona frontalmente a concepção de que a glória do samba teria existido como coroamento a uma tradição secular de contato entre vários grupos sociais, na tentativa de inventar uma suposta identidade brasileira. O conjunto das fontes trabalhadas e da bibliografia estudada apresenta uma outra explicação sobre o mistério do samba, em que a discussão sobre cultura e hegemonia alimenta e ajuda a compreensão do problema levantado.*

PALAVRAS-CHAVES: Samba, Cultura do povo; Hegemonia.

INTRODUÇÃO

Samba, / Agoniza, mas não morre / Alguém sempre te socorre / Antes do suspiro derradeiro. / Samba, / Negro forte, destemido / Foi duramente perseguido / Na esquina, no botequim, no terreiro. / Samba, / Inocente pé no chão / A fidalguia do salão / Te abraçou, te envolveu. / Mudaram / Toda a tua estrutura / Te impuseram outra cultura / E você nem percebeu. (Agoniza, mas não morre, de Nelson Sargento)

O texto que se inicia tem como objetivo desvendar os conflitos culturais estabelecidos na sociedade baiana, no início do século XX, tendo como objeto de estudo o *samba*, estilo musical que, desde sua origem até sua evolução, é foco de identidade social, de resistência político-cultural e de disputa de hegemonia.

A Bahia que as *elites* tentavam construir, pautada nos princípios de uma modernização e de uma civilização europeizada, convivia conflituosamente com a Bahia real, dos pobres e das tradições africanas. Esta contradição moveu a história do samba no Brasil e, particularmente, em Salvador.

As fontes utilizadas na construção deste artigo foram os jornais baianos de maior circulação nas três primeiras décadas do século passado. Jornais não divulgam apenas informações, mas também se apresentam como espaços de disseminação de novas e velhas idéias, expressando a visão de mundo da classe que os mantém. A análise destes jornais teve como fundamento identificar as posições que as

* Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: torrescancela@ig.com.br.
Orientadora: Ione Celeste Jesus de Sousa.

classes dominantes da Bahia tinham ante as manifestações culturais e associações do povo negro e pobre.

A “*grande imprensa*” também serve para impor um padrão cultural para “controlar” a sociedade civil. A imagem que as classes dominantes baianas construíam da diversidade racial da nossa sociedade era pautada na necessidade de não permitir conflitos étnicos. Para tanto, era preciso garantir canais de hegemonização deste ideário, para criar as condições de apagar a produção e a manifestação cultural dos excluídos, do qual o samba é uma expressão.

As novas abordagens da ciência histórica possibilitaram uma mudança no comportamento dos pesquisadores, principalmente, no que se refere ao tratamento das fontes históricas. A concepção da história como estudo de toda ação humana possibilitou que os historiadores buscassem examinar um número cada vez maior de variedades de evidências. Nesse sentido, “documentos” que eram antes relegados pela história – poesias, músicas, fotografias, indumentárias, etc. –, hoje compõem as principais fontes da produção do conhecimento histórico.

Não é objetivo do presente texto se deter em discussões sobre método e escolas historiográficas – muito mais por causa do curto espaço do que da sua importância. Mas é necessário expor uma oposição em relação a uma série de equívocos que esta “nova abordagem” da história deixa transcorrer. Entre estes se destaca a fragmentação da realidade e a dessubstancialização dos sujeitos. Por isso, ao tratar de uma produção cultural, não incorremos no erro de vê-la como manifestação isolada da totalidade das relações sociais.

Pesquisamos também, como fonte secundária, uma bibliografia especializada sobre Carnaval, Samba, Negros e Folias. Os títulos que problematizam estes assuntos ganham significativa expressão na Bahia, sendo quantitativa e qualitativamente o campo de pesquisa mais focado e debatido nos últimos anos.

O conjunto das fontes estudadas nos levou a uma reflexão: o que fez o samba passar da perseguição a uma aceitação sem limites em um século? Que motivou esta mudança? Qual seu significado em uma sociedade cheia de conflitos étnicos e sociais?

Este texto se materializa, portanto, buscando dar respostas a essas questões. Sabemos que existem inúmeras produções que indicam hipóteses para a resolução destes problemas, mas nunca é demais aprofundar um debate que nos remete à identificação cultural e à construção de um histórico de resistência e luta.

O SAMBA NA SALVADOR DA MODERNIDADE

Uma rápida leitura em um jornal baiano do início do século XX revela que as elites locais desejavam, a todo o momento, expurgar a africanidade presente nas ruas, largos, casas e terreiros da cidade do Salvador. Entretanto, isso se tornava uma tarefa cada vez mais difícil dada a difusão das manifestações lúdicas e/ou sagradas das comunidades negras.

Os batuques e os sambas eram exemplos dessa face africana na Bahia, onde negros se associavam para dançar e cantar, num bambolear rítmico, em que todo o corpo se mexia ao som dos atabaques, surdos, instrumentos de corda e pandeiro. Mas nem sempre uma roda de samba acabava por si, pois a “perturbação da paz pública” – como reclamavam os jornais – era um incômodo para os “brancos”.

A bibliografia trabalhada indica que o problema do samba não estava focalizado, diretamente, na sua melodia, nem na sua coreografia, nem nas suas letras. O centro da discórdia com o ritmo musical tinha como motor o sujeito que protagonizou sua existência: o africano e seus descendentes¹.

As fontes estudadas indicam que, no Brasil Colonial e Imperial, as danças profanas realizadas pelos negros fossem nas senzalas, fossem nas cidades, eram perfeitamente similares às existentes na África, como o denominado batuque. Presume-se, então, que a maioria das manifestações culturais do Brasil apresenta um legado cultural eminentemente africano, derivadas da evolução contínua e descontínua do batuque, produzindo uma variedade de danças e ritmos, como as rodas de coco, o lundu, o jongo etc.

Provavelmente este termo é uma derivação do verbo *bater*, pois a grande maioria das manifestações culturais negras era composta de instrumentos de percussão. Nesse sentido, o batuque era um encontro de negros que ficavam a dançar e cantar, utilizando tambores, caixas, fragmentos de madeira, latas, tamborins e palmas. A generalização tornava-se prática constante, ou seja, toda dança de negros, vista ou identificada pelos brancos, era denominada de batuque.

Santos, ao conceituar o batuque, constrói a mais aceita hipótese da origem do termo *samba*. Segundo o referido autor,

“Em Angola assim como no Congo, o batuque consistia em um círculo formado pelos dançarinos. Porém, no batuque do Congo à medida que os primeiros pares se achassem extenuados, eram substituídos por outros que executavam os mesmos movimentos no círculo formado. Já em Luanda, quem ocupa o lugar no meio do círculo é um preto ou preta, que depois de executar vários passos, vai dar uma umbigada a que chamam semba, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do círculo substituindo-o. No batuque, além da música e da dança, havia cânticos que, aos olhos dos europeus, eram sempre imorais, e até mesmo obscenos, pois falariam de histórias de amores descriptos com a mais repelente e impudica nudez”².

Apesar de deixar explícito que o termo samba é uma derivação para a umbigada, denominada semba, que era feita pelos que estavam no centro de um batuque, o autor não consegue convencer outras tantas teorias que surgem entre os estudiosos da cultura.

Quanto à nomenclatura e origem, o único consenso existente entre os pesquisadores do samba se refere à importância do *batuque* como matriz de, pelo menos, três modalidades de dança. Estas modalidades se diferenciam muito mais pela dança do que pela música. Segundo Edison Carneiro, estas três formas de dança são: a umbigada, a de pares e a de roda³.

Com relação à origem do termo samba, filólogos e historiadores conseguiram construir as seguintes hipóteses, a saber, sintetizadas por Mozart Araújo:

- a) a que tem origem tupi, cujo significado *stricto sensu* é “cadeia feita de mãos dadas”. Esta formulação foi elaborada por Teodoro Sampaio e Silvio Romero, autores explicitamente partidários da matriz indígena em uma identidade brasileira;

¹ Não resta dúvida, hoje, de que o samba constitui uma manifestação artística de origem africana, vinda possivelmente da região que hoje se conhece como Congo e Angola.

² SANTOS, Jocélio Teles dos. Divertimentos Estrondosos: Batuques e Sambas no Século XIX. In.: *Ritmos em Transito: sócio-antropologia da música baiana*. SANSONE, Lívio e SANTOS, Jocélio (org). São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, Ba – 1997.

³ CARNEIRO, Edison. *Religiões negras/negros bantus*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

- b) a que indica a existência do termo num dialeto africano, significando “culto através da dança”. Sena Frazão é o expoente desta hipótese;
- c) a defendida por Dias Carvalho é construída a partir do pressuposto de uma derivação da palavra *muçumba*, que é um instrumento africano em forma de chocalho;
- d) a defendida por grande parte dos que ficaram conhecidos como folcloristas, é aquela que considera a palavra samba como sinônimo da umbigada com a qual o dançarino fazia ou fez o convite a um dos componentes da roda para ir para o centro da mesma⁴.

Não optaremos por uma ou outra hipótese. É a documentação estudada que nos falará sobre a veracidade das hipóteses, e, nesse sentido, é importante indicar, que em fins do século XIX, todas as danças populares brasileiras derivadas do batuque eram denominadas de samba.

Talvez a generalização da utilização do termo samba neste período tenha um caráter muito mais político-social do que rítmico-musical. Para a repressão às manifestações do povo negro era necessário institucionalizar, conceitualizar, tipificar suas ações e comportamentos. Nesse sentido, a nomeação geral de samba pode ter sido uma estratégia de linguagem para assegurar a “ordem pública” branca, ante a presença e continuidade de uma herança africana indesejável. Assim, a influência real que a cultura africana tinha na formação da sociedade brasileira, contribuindo para a construção de manifestações populares, voltadas para a valorização do ócio e para a humanização da vida social, eram desvalorizadas e desqualificadas como vagabundagem.

Outro ponto importante é que, através destas manifestações, os afro-descendentes criavam um hábito de associação. E, desta associação, nascerá uma identidade cultural dos despossuídos, dos povos de cor. Além disso, a tese do racismo cientista pautada na dessubstanciação do sujeito vai ao chão, pois, no cotidiano, na prática diária de produção e reprodução de sua existência, o povo de cor consegue se visualizar como sujeito criativo e capacitado.

A PERSEGUIÇÃO AO SAMBA E A CONSTRUÇÃO DA HEGEMONIA

No início do século XX, a correlação das classes sociais brasileiras conformava uma reestruturação do nosso Estado. A idéia de uma modernização da Bahia, difundida e praticada justamente neste período, era pautada nos princípios de civilização burguesa que a Europa transmitia para o mundo. Sendo assim, o final do século XIX e o início do seguinte foi um momento histórico em que se disputou uma nova hegemonia, expressa também na perseguição às tradições afro-baianas das classes populares.

Uma análise das leis estaduais do período estudado permite identificar a construção de um arcabouço jurídico-estatal que regem a sociedade baiana, disputando a necessidade de modernização fosse através do espaço, fosse através dos costumes, fosse através dos comportamentos. Na prática, desde 1838, legislaram-se atos que restringiam as manifestações nas classes populares de uma tradição afro-baiana no intuito de “não consentir ajuntamento de escravos, lundus, vozerios, batuques, danças de pretos, alaridos e sambas”⁵.

Este cerco às manifestações afro-baianas tem como impulsionador a percepção pelas elites de que a cultura também é um elemento que compõe a hegemonia de uma classe ou setores de classes. Raymond Willians expõe detalhadamente que a hegemonia não é somente uma dominação, controle,

⁴ BIANCARDI, Emilia. *Raízes Musicais da Bahia*. Salvador: Omar G., 2000.

⁵ SANTOS, Jocélio Teles dos. Divertimentos Estrondosos: Batuques e Sambas no Século XIX. In.: *Ritmos em Transito: sócio-antropologia da música baiana*. SANSONE, Lívio e SANTOS, Jocélio (org). São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, Ba – 1997.

doutrinação ou uma simples manipulação ou imposição ideológica. Segundo sua interpretação, a hegemonia também é uma “cultura”, uma forma de viver⁶. Entretanto, para ele, vale a pena pontuar que esta cultura deve ser entendida como uma relação de dominação e resistência entre classes sociais. Sendo assim, o combate às manifestações culturais negras era uma necessidade para a classe dominante local, pois seu projeto de civilização impunha outros tipos de comportamentos, que não os de uma tradição afro-baiana.

A Bahia do início do século XX é dirigida por uma elite. Esta elite governante não é necessariamente formada pelo empresariado, que aceita e sustenta os valores burgueses, independentemente de sua origem econômica, política ou cultural.

No imaginário desta elite, os locais nos quais se dançava *samba* eram territórios de desordem e de difusão do sentimento do antitrabalho. Por isso, foi comum identificar nos jornais, que usamos como fontes, que praticantes de samba eram “desordeiros, larápios e vagabundos” que perturbavam o “bem da tranquilidade da população laboriosa e honesta”⁷.

Nas festas religiosas, também era possível identificar a perseguição cultural à presença de manifestações de sambas. As descrições sobre a festa do Senhor dos Navegantes é exemplo vivo. Segundo relata Hildegardes Vianna, lá “fervilhava a multidão fusca: batuques, sambas, rodas de capoeira. Ouvia-se pandeiros, cavaquinhos, violas, harmônicas, berimbaus e palmas cadenciadas. Um pandemônio. Um vozerio confuso”, [...] que produzia o “escândalo e a vergonha”, sobretudo “pelo espetáculo deprimente que atestava o nosso ínfimo de civilização”⁸.

O relato da folclorista traz duas importantes evidências: de um lado, mostra o quanto era popular o samba: onde houvesse aglutinação de pessoas, parecia seguro a existência de uma batucada; de outro lado, aponta a existência de um olhar racista, pois as manifestações negras (samba, capoeira, etc) eram sinônimos diretos de incivilidade.

A secção intitulada *Queixas e Reclamações* do jornal Diário de Notícias sempre foi palco de denúncias de samba, nos quais se exigia a ação enérgica da polícia contra os seus participantes. Em 03 de setembro de 1904, a referida secção relatava a existência de um:

“Batuque

Já há três dias, com o assentimento tácito da polícia e da Hygiene Municipal, funciona um grande batuque no Cães do Barroso, junto quase a Companhia Bahiana.

E o que é mais, é que os promotores da tal diversão, que tanto destoa dos nossos foros de civilizados, armaram um barracão improvisado, sob cujo tecto de alinhagem cerca de cem pessoas, entre homens e mulheres, lavadas de suor, dão-se as fúrias de um can-can desesperado, insano.

No quadro anormalíssimo que atravessamos, sob o ponto de vista higiênico, salta aos olhos de todos os perigos que decorrem de uma tal diversão, contra a qual recebemos reclamação de um negociante alli estabelecido”⁹.

O samba, portanto, era condenado pela selvageria, incivilidade e anti-higiene. Para diminuir ainda mais a imagem do samba, os jornais identificavam as rodas e os terreiros como espaço de brigas, jogos de azar ilegais e prostituição. Tudo isso para somar pontos no cenário construído de um da insanidade cultural presente no povo de cor.

⁶ Ver WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

⁷ *Diário da Bahia*, 03/11/1901, p.2

⁸ VIANNA, Hildegardes. *Festas de Santos e Santos Festejados*. Ed. Livraria Progresso, Editora Cadernos da UBC Paralelo 13, 1960 – Salvador, nº07.

⁹ *Diário de Notícias*, 03/09/1904, p.1

A tentativa de pôr fim ao samba era tão incisiva que, em todas as festas de largo, os jornais tinham a estratégia de as cobrir, construindo um duplo cenário: o civilizado, que é ordeiro, animado pelas Felarmônicas ou por bandas do corpo de bombeiro ou da brigada da polícia; e o incivilizado, com a presença de jogos de azar, movido aos sons de atabaques, violas, pandeiros, violões, chocalhos, cantorias e outros instrumentos musicais, sob a “orquestra” de cachaça.

A perseguição ao samba, portanto, era uma tentativa de eliminar as manifestações culturais e a livre associação das classes populares e de uma contra-hegemonia, pois estes elementos contribuíam para a conformação de uma contra-cultura. Eram impasses que obstruíam o projeto de uma Bahia sem confronto e harmônica culturalmente. Por isso a perseguição era essencial para as elites.

A FIDALGUA DO SALÃO TE ABRAÇOU TE ENVOLVEU

As fontes até aqui trabalhadas apontam que, a partir de 1930, o comportamento das elites, governantes ou não, em relação ao samba começa a se transformar. A agressividade coercitiva é quase que abandonada, e é possível até encontrar reportagens que exaltem o samba como parte da cultura popular.

As causas para esta mudança de comportamento das elites estão baseados nos novos interesses de hegemonização. Primeiro, era preciso difundir uma idéia de harmonia social. Por isso o Carnaval passa a ser tão vangloriado como momento de realização de uma sociedade alternativa: abolição das desigualdades sócio-econômicas e étnicas. Segundo, era preciso construir a imagem de uma identidade nacional; de concepção de povo uno, e o samba constituía uma manifestação que ajudava a forjar essa identidade, principalmente por causa da sua popularidade entre as classes.

Esta nova percepção será tão presente que, em 1934, o jornal Estado da Bahia vai publicar um encarte que coloca o samba como “psicologia do nosso povo” e que nele está depositada “toda a energia do subconsciente da nacionalidade”¹⁰. Na literatura, o samba também passa a compor o enredo romântico, principalmente em Jorge Amado e Franklin Távora.

Entretanto não se pode encarar o processo de nacionalização do samba como uma vitória da cultura popular. Na verdade, a relação de dominação da elite governante necessitava construir o sentimento de integração e de identidade nacional. Encontraram no samba um foco do convencimento das massas. Nesse processo, fica explícito que a hegemonia de uma classe, setor de classe ou de uma elite não se dá apenas pela coerção. É também possível através da direção, cooptação e incorporação de influências e tradições culturais para controlar e reinar sobre os campos da sociedade.

BIBLIOGRAFIA

SANTOS, Jocélio Teles dos. Divertimentos Estrondosos: Batuques e Sambas no Século XIX. In.: *Ritmos em Transito: sócio-antropologia da música baiana*. SANSONE, Lívio e SANTOS, Jocélio (org). São Paulo: Dynamis Editorial; Salvador, Ba – 1997.

CARNEIRO, Edison. *Religiões negras/negros bantus*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

BIANCARDI, Emilia. *Raízes Musicais da Bahia*. Salvador: Omar G. , 2000.

¹⁰ Estado da Bahia, 24/03/1934, p.5



WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VIANNA, Hildegardes. *Festas de Santos e Santos Festejados*. Ed. Livraria Progresso, Editora Cadernos da UBC Paralelo 13, 1960 – Salvador, nº07.